

Testes desmentem casos do mal de Minamata

Pesquisadores negam que a região do Rio Tapajós tenha a doença provocada pela contaminação por mercúrio

Conrad Louis-Charles

Claudia Sarmento

• SÃO LUÍS DO TAPAJÓS, Pará. Perdido no tempo e esquecido pelas autoridades, o pequeno vilarejo de São Luís do Tapajós virou notícia no início do ano ao ser visitado por uma equipe de cientistas japoneses. Liderado pelo especialista Maszumi Harada, da Universidade de Kumamoto, o grupo disse ter detectado na comunidade de pescadores a doença de Minamata, um distúrbio destruidor do sistema nervoso causado por envenenamento por mercúrio, que afetou milhares de pessoas no Japão na década de 50.

A notícia — seria o primeiro foco da doença fora do território japonês — teve um efeito dramático sobre a cidade: sua população está sendo discriminada e a informação de que o vilarejo tem crianças deformadas pela contaminação se espalhou pela região do Tapajós.

Pelos padrões da OMS, casos exigem acompanhamento

A suposta existência da doença de Minamata na Amazônia não faz sentido, garantem, no entanto, pesquisadores brasileiros. Um grupo de médicos de várias partes do país, especialistas em doenças tropicais, acompanha há um ano as endemias da região do Tapajós, rio afetado pelo uso indiscriminado de mercúrio pelos garimpeiros. Eles afirmam que, apesar de as comunidades ribeirinhas estarem numa área de risco — a mudança física do rio nos últimos anos é inegável — não comprovaram nenhum caso da doença, causada por envenenamento por metil-mercúrio, através do consumo de peixes contaminados.

— Os exames que fizemos mostraram que há casos que exigem um controle periódico, mas estão dentro do que a OMS (Organização Mundial de Saúde) classifica como fase de vigilância. O objetivo desse acompanhamento é exatamente impedir que ocorra a doença de Minamata no Brasil — explicou Elza Dias Tosta, neurologista do Hospital de Base de Brasília.

No ano passado, como participantes de numa expedição científica pelo Rio Tapajós para fazer um raio X de uma parte esquecida da Amazônia, Elza e o médico Bernardo Cardoso recolheram 139 amostras de cabelo para detectar a contaminação por mercúrio.

Seis mil toneladas de mercúrio na região

No mês passado, eles voltaram à região, numa segunda expedição com outros 13 médicos, e reviram os mesmos pacientes, sem registrar casos graves.

— A única solução seria parar de usar o mercúrio porque não dá para pedir que essas pessoas parem de comer peixe. É um trabalho de medicina, mas também de preservação ambiental — diz Elza.

Segundo Bernardo Cardoso, coordenador do estudo e pesquisador da Universidade Federal do Pará, o Tapajós já teve dez mil balsas revolvendo o seu solo em busca de ouro.

Seis mil toneladas de mercúrio podem ter sido lançadas no rio e seus afluentes, diz o médico, que percorre a região desde a década de 80 e viu o auge e a decadência do garimpo no Pará. ■

CLAUDIA SARMENTO viajou a convite do Centro Rodhila de Doenças Tropicais



UMA MULHER lava louça no Tapajós, numa região onde a população tira do rio seu sustento: o uso descontrolado do mercúrio afetou as águas

Efeitos do mercúrio sobre o homem

• A contaminação por mercúrio ocorre por meio do consumo de peixes de águas poluídas pelo metal. Ele pode causar problemas de visão, musculares e até retardado mental no recém-nascido. Quando atinge os pulmões, o mercúrio provoca problemas respiratórios. Em contato com a pele, leva a inflamações severas. Ao penetrar na corrente sanguínea, atinge órgãos como cérebro e rins, causando cansaço, tremores, dificuldades de coordenação motora, exci-

tação e falência renal. Em casos mais graves, a contaminação pode causar até demência. Quando não tratada, geralmente é fatal.

Os efeitos da contaminação por mercúrio podem demorar até dez anos para surgir. O problema é que a pessoa pode consumir peixes contaminados frequentemente sem sentir nenhuma diferença no sabor. Somente a longo prazo sentirá os efeitos.

O peixe absorve o mercúrio jogado

no rio pelos garimpeiros e o metal penetra na corrente sanguínea do animal. O peixe contaminado, no entanto, não apresenta nenhuma característica externa diferente.

Os peixes que oferecem mais risco são os carnívoros, ou seja, os que se alimentam de peixes menores. Isso ocorre porque, ao ingerir um peixe também contaminado, a concentração de mercúrio na corrente sanguínea do peixe maior se torna ainda mais importante.